

ARTRIO 2021

GALERIA MILLAN

Metonímia viva

A **Galeria Millan** tem o prazer de apresentar o projeto **Metonímia viva** para sua participação na **ArtRio 2021**. Com uma seleção de cerca de 15 artistas, a operação central dos trabalhos dispostos na área expositiva está fundada nas diferentes construções da experiência a partir da metonímia. Ao criar sentidos pela contiguidade dos elementos, a relação metonímica atravessa estas produções através do deslocamento sensível de partes de campos semânticos específicos.

As séries *Indícios*, de **Anna Maria Maiolino** e *Estojos*, de **Tunga**, apresentam fragmentos ou resíduos de uma realidade anterior a que o objetos se referem. O emaranhado da costura de Maiolino subentende uma chave para um lugar que não está ali, e ainda assim o representa perfeitamente, como em um mapa. O mesmo ocorre com o cristais de rocha e ímãs de Tunga, que podem estar tanto na composição dos jardins como das paisagens e apresentam a entrada para esse outros ambientes como em um portal.

“Algumas escaparam”, frase redigida em neon na obra de **Regina Parra** que abre a seleção, enuncia em si um indício do fim de uma história e o início de outra. Neste trabalho, Parra transita no espaço da narrativa a partir de palavras que parecem ser extraídas de um texto maior, um enredo completo. Brilhando na altura dos olhos, a frase se torna um convite explícito a desvendá-lo.

Em *Makunaimê cria o espelho universal*, de **Jaider Esbell**, este recurso se transfere à figuração, como uma ferramenta central para elaborar essa outra história, uma história a contrapelo. A cena retratada por Esbell é conhecida pelo artista, mas revela-se a quem não a conhece através de elementos marcantes, como a composição cromática de contrastes e o traçado que remete a padrões específicos.

O indício cromático está presente também em **Maya Weishof**, **Emmanuel Nassar** e **Paulo Pasta**, que constroem, na conjunção de cores determinadas, uma discussão interna. As referências ao vazio e ao cheio, ao claro e ao escuro e à percepção cromática perpassam as produções de Weishof, Pasta e Nassar, remetendo ao percurso argumentativo acerca da cor nos rumos da História da Arte. De maneira semelhante, *Cumplicidade #20*, de **Túlio Pinto**, e *EXLP26*, de **Henrique Oliveira**, remetem ao mesmo percurso argumentativo; desta vez do lado da escultura e das discussões sobre o espaço e a matéria.

Em paralelo, as paisagens de **Rodrigo Andrade** e as composições fotográficas de **Miguel Rio Branco** são fragmentos daquilo que já se conhece, de uma realidade comum a todos. Tais fragmentos, entretanto, determinam que, ainda que remetam a um todo maior, são capazes de modificá-lo, à medida que existem autonomamente – em um câmbio entre a metonímia e a metáfora.

O recurso da metonímia está presente com muita ênfase nas produções dos artistas da geração brasileira de 70, ainda que tida como uma geração hermética, por ter-se encontrado diante de um silêncio imposto. A arte seria a última resistência quando nada mais parecia possível e encontrou no recurso metonímico uma de suas chaves. **Artur Barrio e Ivens Machado** falam dessa incomunicabilidade, da ameaça da doutrinação, das falhas do sistema que se crê eficiente e em perfeito funcionamento. Os *transportáveis* de Barrio o fazem ao usar materiais frágeis, que recusam a perenidade, pautando a descrença na permanência do objeto e sua canonização. Já o trabalho de Machado o faz ao se apropriar das falhas e refugos daquele mundo competente da precisão industrial, os “desvios da ordem”.

Em **José Damasceno**, o todo se refere a uma espécie de transubstanciação do objeto inicial: as cores dos gizes de cera são fragmentos de um objeto distante, um monitor de televisão. A conexão entre dois objetos distintos torna-se clara e faz emergir uma compreensão de que a relação do espectador com o jogo de indícios – o agrupamento de gizes – é capaz de encontrar um caminho alternativo.

Os meta-esquemas de **Helio Oiticica** parecem, por fim, colocar em cheque a discussão da metonímia em um mesmo suporte, na medida que se constroem como uma série de múltiplas e diversas dissecações do espaço. Em Oiticica e seus meta-esquemas visualizamos a questão central: em que medida a pintura pode se organizar como indícios do tridimensional – ou vice versa? É, de alguma maneira, o trajeto natural da metonímia em plena atividade na arte, metonímia viva.

Living Metonymy

Galeria Millan has the pleasure of announcing **Living Metonymy**, a project that participates in ArtRio 2021. With a selection of about 15 artists, the displayed work's central operation is based on different structures of experience, all stemming from metonymy. By creating meaning through the contiguity of elements, these artworks metonymic relation arises from the displacement of specific semantic fields.

Anna Maria Maiolino *Indícios* series, as well as **Tunga's** *Estoijos* series offer fragments or residues of a previous reality that the objects refer to. Maiolino's intertwined sewing implies a key to an absent place, and yet it represents an area perfectly, as if it was a map. The same thing happens with Tunga's rock crystals and magnets, items also present in gardens or landscapes and that reveal an entrance to other environments, resembling a portal.

The neon sentence "Some Escaped" in **Regina Parra's** work opens the selection. It announces the end of a history and the beginning of another. In this work, the artist travels in the space of the narrative through words that seem to be extracted from a bigger and more complex plot. Glowing at eye-level, the sentence is an explicit invite to unravel the meaning of it.

Jaider Esbell's *Makunaimê cria o espelho universal*, the metonymy transfers itself to figuration, shaping another history as it brushes history against the grain. Esbell portrays a scene he knows, but to those seeing it for the first time, it reveals itself through striking elements, such as the chromatic composition of contrasts and the layout that invokes specific patterns.

The chromatic index is also noted in **Maya Weishof, Emmanuel Nassar** and **Paulo Pasta**. They construct, in the outcome of peculiar colors, an internal argument. In their works, the references to emptiness and fullness, light and dark, as well as to chromatic sensation, point out the discussion about color in Art History. **Tulio Pinto's** *Cumplicidade #20* and **Henrique Oliveira's** *EXLP26* goes in the same direction, but it brings out sculpture and the debate on space and matter.

Alongside, **Rodrigo Andrade's** landscapes and **Miguel Rio Branco's** photographic compositions are fragments of things already experienced, of a common reality. However, even if the fragments refer to a totality, they can modify it, existing independently – shifting between metonymy and metaphor. The metonymy resource can be heavily found in Brazilian 70's artist generation, considered hermetic, because of the silence imposed on them. Art was a last resistance when nothing else seemed possible and found an ally in the metonymic resource.

Artur Barrio and **Ivens Machado** expose this incommunicability, and the doctrinaire threat, as well as the failed system that believes it is in a perfect and efficient functioning. Barrio's *transportáveis* uses fragile materials, refusing perpetuity and stating a disbelief in the survival of objects and its deification. Likewise, Machado's work appropriates of the flaws and the scraps, the "deviations of the rule" in a competent world based on industrial precision.

In **José Damasceno's** work, the unity refers to a transubstantiation of the initial object: the colored crayons are fragments of a distant object, a television monitor. The connection between two distinct objects becomes clear and derives a comprehension of the relation the spectator has with the sign game – the grouping of crayons – as being capable of finding an alternative path.

Helio Oiticica's meta-esquemas, in the end, appear to put at stake the metonymy discussion in a single support, as they construct itself as a series of multiple and diverse dissections of space. In his work we can visualize the central question: to what extent can painting organize itself as evidence of tridimensional – or vice-versa? It is, somehow, the natural trajectory of metonymy moving through art, living metonymy.



Tunga
Sem título *Untitled (estojo)*,
2008 - 2020
Arame de aço, cristal de quartzo,
ferro e ímã *Steel wire, quartz
crystal, iron and magnets*
38 x 33,5 x 35 cm
Foto *Photo*: Filipe Berndt

Detalhe Detail
Anna Maria Maiolino
Sem título Untitled, da série
from the series *Indícios*, 2005



Anna Maria Maiolino

Sem título Untitled, da série
from the series *Indícios*, 2005

Linha de costura sobre papel

Sewing thread on paper

34,5 x 25,5 cm





Detalhe Detail

Anna Maria Maiolino

Sem título Untitled, da série
from the series *Indícios*, 2005

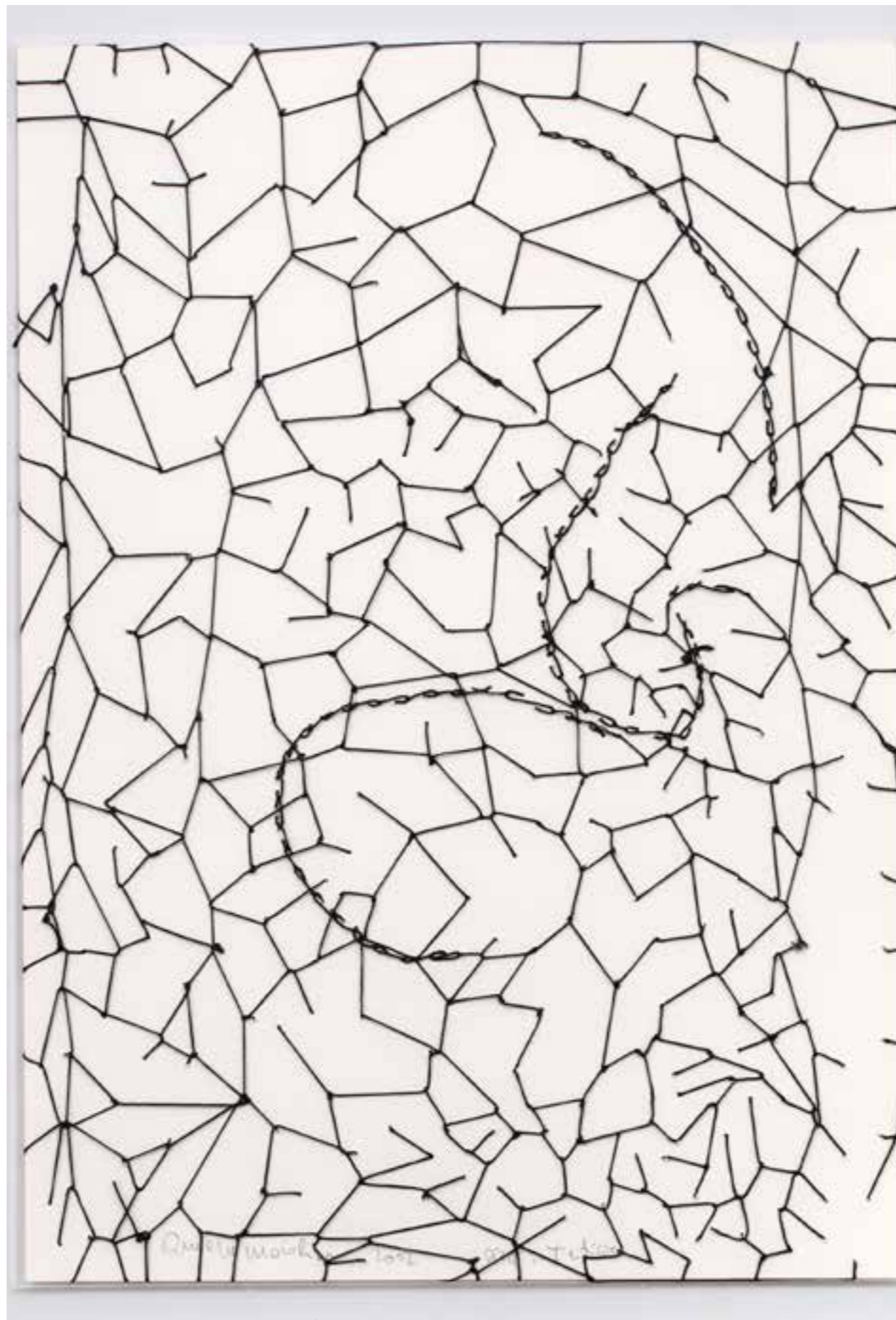
Anna Maria Maiolino

Sem título Untitled, da série
from the series *Indícios*, 2007

Linha de costura sobre papel

Sewing thread on paper

34,5 x 25,5 cm



ALGUMAS
ESCAPARAM

Detalhe Detail
Regina Parra
Algumas escaparam, 2019



Regina Parra

Algumas escaparam, 2019

Neon

Edição Edition: 03/03 + 1 P.A. A.P.

85 x 230 cm



Jaider Esbell

Makunaimî cria o espelho universal, 2021

Acrílico sobre tela

Acrylic on canvas

111 x 223 cm

Foto Photo: Filipe Berndt



Detalhe Detail
Maya Weishof
Estrias na barriga do rio, 2020

Maya Weishof
Estrias na barriga do rio, 2020
Óleo sobre linho
Oil on linen
195 x 165 cm
Foto Photo: Ana Pigosso

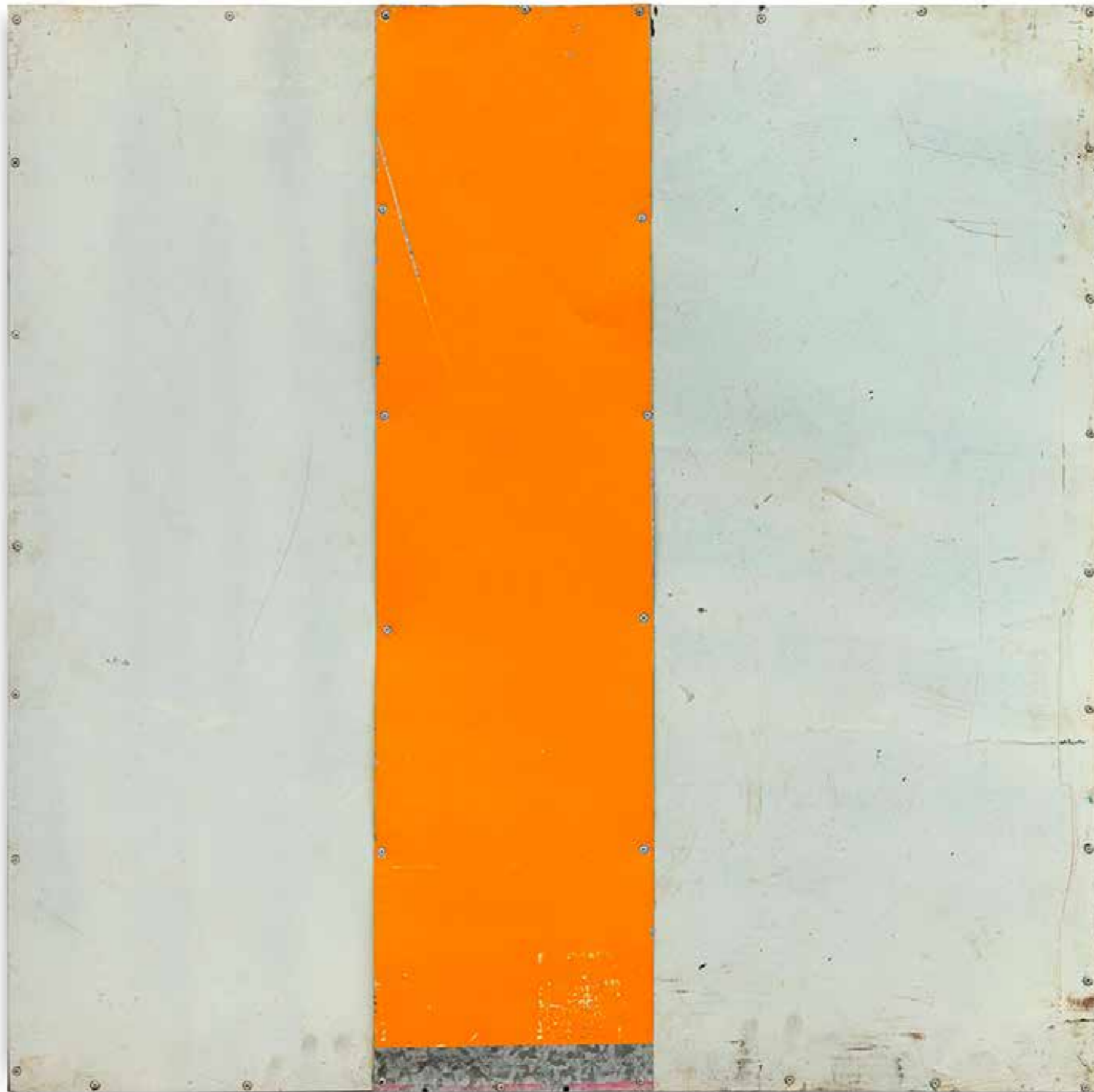


Maya Weishof
Vênus e Marte, 2021
Óleo, giz pastel seco e giz pastel
oleoso sobre tela Oil, dry pastel and
oil pastel on canvas
130 x 154 cm
Foto Photo: Filipe Berndt



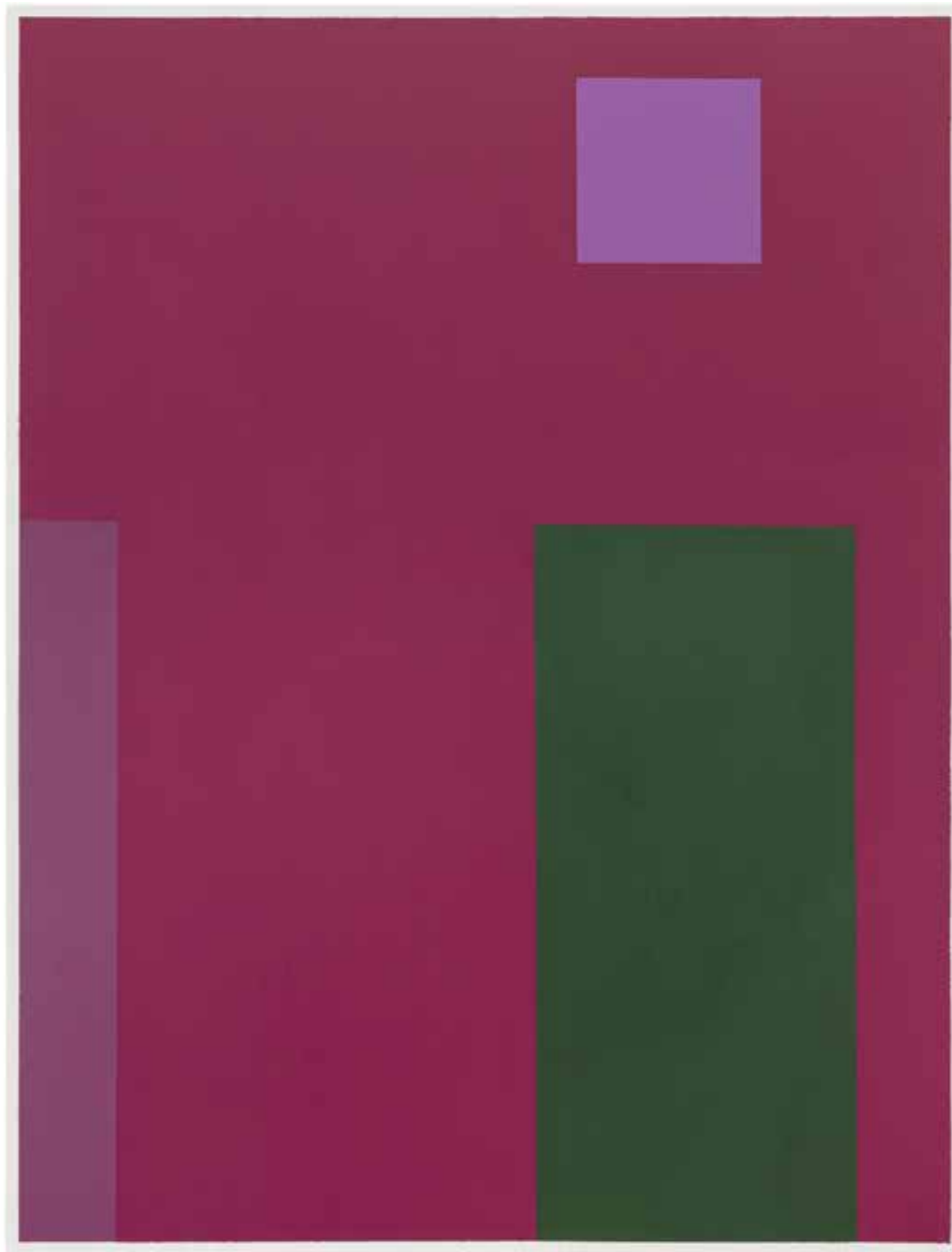


Emmanuel Nassar
Chapa 163, 2012
Tinta sobre chapa metálica
Ink on metal plate
90 x 90 cm



Emmanuel Nassar
Chapa 160, 2012
Tinta sobre chapa metálica
Ink on metal plate
90 x 90 cm

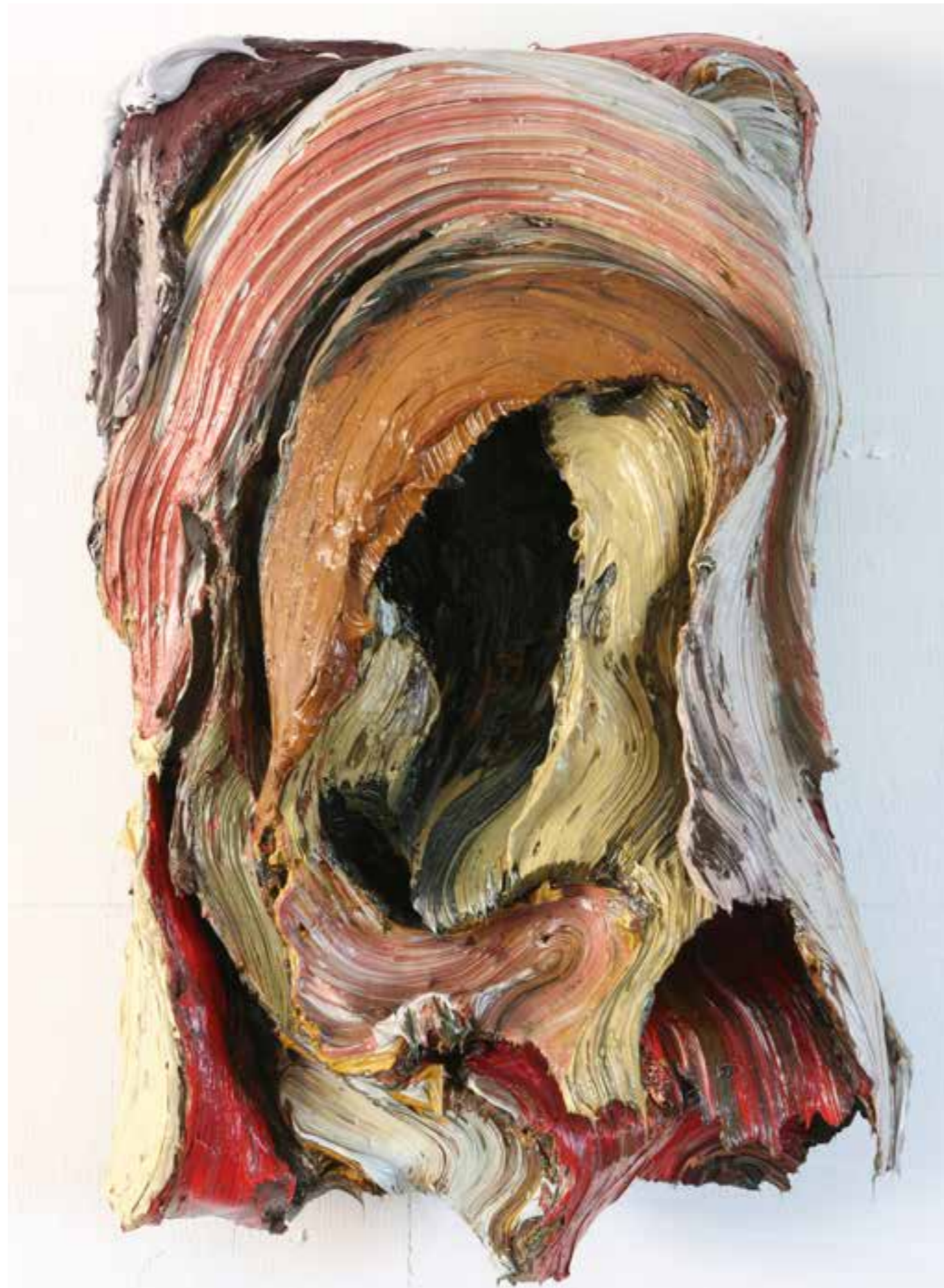
Paulo Pasta
Sem título Untitled, 2021
Óleo sobre tela
Oil on canvas
170 x 130 cm
Foto Photo: Filipe Berndt





Túlío Pinto
Cumplicidade #20, 2018
Vidro e aço Glass and steel
Edição Edition: P.A. A.P. 2
(5+2 P.A. A.P.)
50 x 100 x 55 cm

Henrique Oliveira
EXLP26, 2019
Óleo, papelão, tela de arame
sobre madeira Oil paint, paper
and wire mesh on wood
50 x 32 x 16 cm





Rodrigo Andrade
*Onda quebrando no
rochedo ao luar, 2021*
Óleo sobre tela
Oil on canvas
40 x 60 cm
Foto Photo: Filipe Berndt



Rodrigo Andrade
As ondas verdes do mar,
2021
Óleo sobre tela
Oil on canvas
40 x 60 cm
Foto Photo: Filipe Berndt



Detalhe Detail

Rodrigo Andrade

Estrada para o litoral, 2020



Rodrigo Andrade
Estrada para o litoral, 2020
Óleo sobre tela
Oil on canvas
80 x 110 cm
Foto Photo: Filipe Berndt



Detalhe Detail
Miguel Rio Branco
Apollinaire, 1994/2021



Miguel Rio Branco

Apollinaire, 1994/2021

Fotografia Photography

Edição Edition: 2/5 + 2 P.A. A.P.

80 x 240 cm (80 x 80 cm cada each)

Artur Barrio
Transportável no. 150, 2002
Picareta, corda, lona e enchimento
Pickaxe, rope, canvas, and padding
66 x 45 x 22 cm



Artur Barrio

Transportável n. 100, 2013

Garrafa de vidro e tecido

Glass bottle and fabric

50 x 30 x 24 cm

Foto Photo: Filipe Berndt





Ivens Machado
Sem título Untitled, 2002
Concrete, tile, stone and iron
44 x 54 x 34 cm



José Damasceno

Monitor Crayon Líquido, 2017

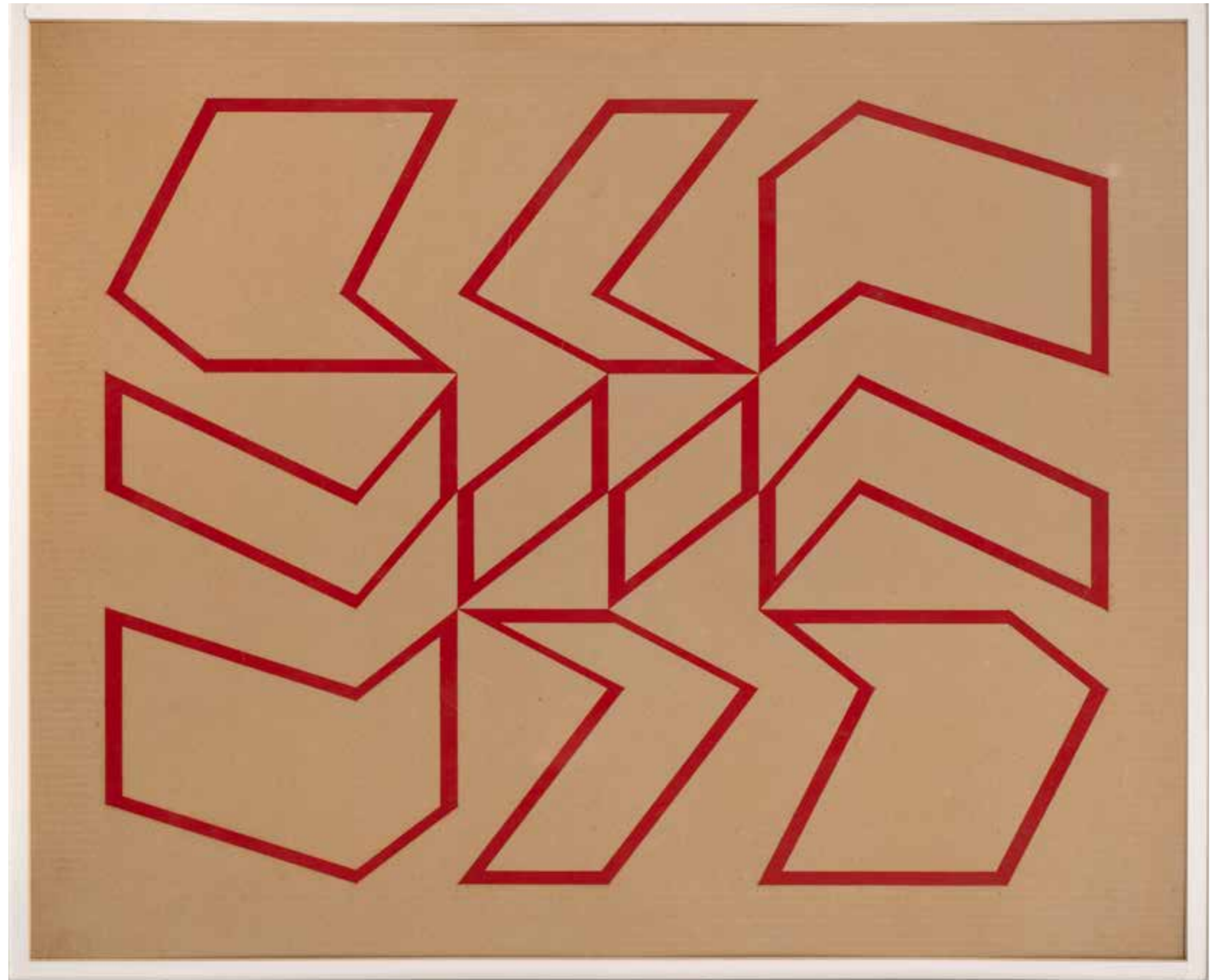
Giz de cera Crayon

Edição Edition: P.A. A.P. 1

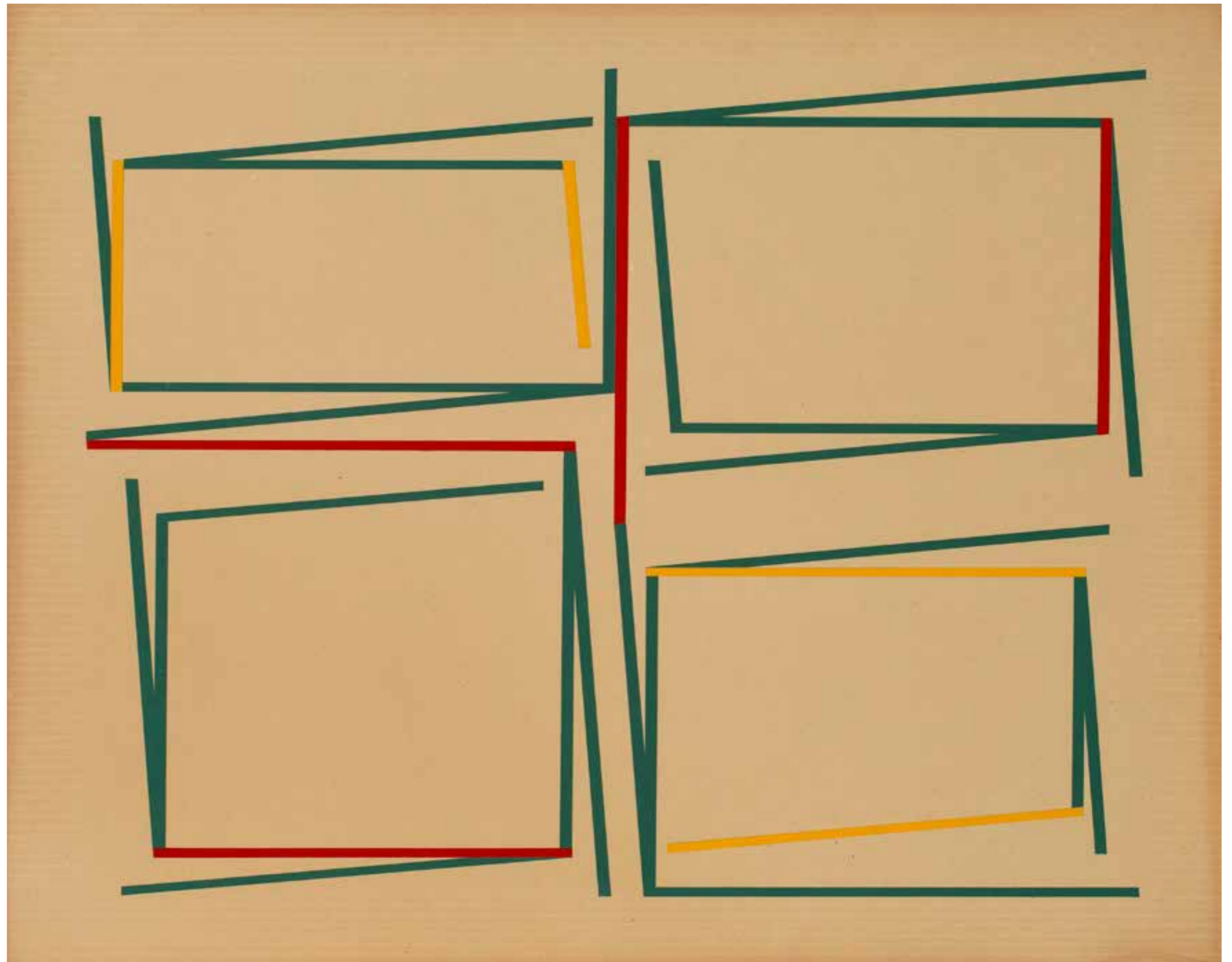
(Ed. 3 + P.A. A.P.)

177 x 233 cm | 240 peças pieces

Hélio Oiticica
Metaesquema, 1958
Guache sobre papel cartão
Gouache on cardboard
52 x 64 cm



Hélio Oiticica
Metaesquema, s.d. n.d.
Guache sobre papel cartão
Gouache on cardboard
49 x 62 cm



Contato Contact

Rua Fradique Coutinho, 1360 | 1416, Pinheiros, São Paulo, SP

05416-011, Brasil

+55 11 3031 6007

galeria@galeriamillan.com.br

www.galeriamillan.com

[@galeria_millan](#)

GALERIA MILLAN

